



**X COLÓQUIO  
INTERNACIONAL**  
"Educação e Contemporaneidade"  
22 a 24 de Setembro de 2016  
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

## **A INTERATIVIDADE EM UM CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA: entre um discurso progressista e uma prática reducionista**

EDNA CRISTINA DO PRADO

LETÍCIA CRISTINA DIAS

FABIANA DE MOURA CABRAL MALTA

EIXO: 14. TECNOLOGIA, MÍDIAS E EDUCAÇÃO

**RESUMO** O presente texto constitui-se uma análise acerca da interatividade no curso de Pedagogia em EaD em uma grande rede privada de ensino superior do Nordeste brasileiro. O objetivo central foi verificar com ocorrem as relações da aprendizagem no referido curso a partir do anunciado no Projeto Pedagógico e a vivência dos cursistas. Os espaços de comunicação do Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA foram utilizados na coletada dos dados, tendo como referenciais os trabalhos de Maldonado, Reichert (2010); Kenski (1998), Silva (1998), Apple (2008) e Ball (2001). Os resultados revelaram que o processo analisado não atende, ainda, às demandas pedagógicas da modalidade a distância e resulta de uma metodologia que perpetua a prática de transmissão de conteúdo. Entretanto, são inegáveis os avanços no que tange ao acesso dos alunos ao ensino superior por meio da EaD, os quais não poderiam cursar uma graduação presencial, quer pelo valor das mensalidades, que pela incompatibilidade de horários entre estudo e trabalho. Palavras-chave: Interatividade – EaD – Licenciatura em Pedagogia **ABSTRACT** This text constitutes an analysis of the interactivity in the Faculty of Education in distance education in a large private network of higher education in Northeast Brazil. The main objective was to assess the learning occur in relationships that course from the announced pedagogical project and the experience of the course participants. The communication spaces of the Virtual Learning Environment - AVA were used in the collected data, taking as reference the work of Maldonado, Reichert (2010); Kenski (1998), Smith (1998), Apple (2008) and Ball (2001). The results showed

that the analysis process does not meet also the educational demands of the distance mode and the result of a methodology that perpetuates the practice of streaming content. However, it is undeniable advances with regard to students' access to higher education through distance education, who could not attend a campus undergraduate or the amount of fees that the incompatibility of schedules between study and work. Keywords: Interactivity - Distance Education - Education

**INTRODUÇÃO** A promoção de conhecimentos, na modalidade a distância em cursos de formação de professores, tem sido uma tendência crescente nas universidades de país e visa não apenas o acesso ao de um número maior de cidadãos, mas ao preparo do graduando para incorporação das NTIC às práticas educativas. Isso se dá em vista de amplo leque de possibilidades que ela oferece, não só para o processo de ensino e aprendizagem, como também para o aperfeiçoamento continuado e autônomo do profissional em educação. Essa forma independente de aperfeiçoamento precisa ser incorporada à cultura do graduando e é particularmente importante para o trabalho com as NTIC, visto que seu repertório específico tem um dinamismo tal, que sem uma pesquisa contínua os saberes sobre elas arriscam tornarem-se caducos antes mesmo de serem postos em prática. A complexidade da instituição socioeducativa, um dos alvos do trabalho do pedagogo, pensada a partir de sua função social, demanda uma reflexão permanente a respeito do desenho curricular ideal para formação de um educador, tornando o processo de interação alvo de constante análise. O que esse processo precisa garantir com vistas à formação, com excelência, de um profissional de educação?

Não há resposta fácil, nem única, mas há balizas que ajudam a delinear respostas e que se fundam no recorte, com a maior precisão possível, de qual é o domínio dessa especialidade enquanto função na cultura, ou seja, ao quê está autorizado e em torno de quê orbitam as demandas feitas a um pedagogo e seu saber. E a partir deste contexto que o presente texto apresenta uma análise a respeito da interatividade no curso de Pedagogia de grande rede universitária particular do Nordeste brasileiro. O objetivo central foi desvelar rupturas e contradições presentes entre o dito e o feito, bem como os possíveis modos de saná-las. ●

**PEDAGOGO E AS TIC** Manter o rigor na especificidade daquilo que trata um curso de pedagogia, e cuja composição deverá reverter em uma formação consistente do egresso, é fundamental para evitar a diluição e ramificação de seus objetivos a tal ponto, que acabem por não atingir alvo algum. Esse cuidado se justifica, entre outras razões, pela inquietante situação da educação brasileira, resultante de uma série de descompassos que desenha um retrato do processo educativo brasileiro cuja qualidade é insatisfatória e nos situa no mesmo nível dos países mais desprovidos do planeta. A dimensão geográfica de nosso país, somada às acanhadas condições econômicas da maior parte de sua população, são obstáculos severos para instauração sólida de

um ensino de boa qualidade e, por isso, é pouco sensato ignorar as possibilidades de minimizar esses entraves. Uma dessas possibilidades é franqueada pelos surpreendentes avanços das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC), que abriram uma via de acesso privilegiada para práticas educativas que primem por privilegiar questões fundamentais do fenômeno de ensino e aprendizagem, tais como: ação ativa do sujeito sobre o objeto de estudo, mediação do professor; interatividade genuína nas atividades desenvolvidas; promoção de autoria e coautoria, colaboratividade, etc. A combinação dos termos como tecnologia e educação remete quase que prontamente à modalidade de ensino a distância, mas é bom deixar claro que isso é apenas uma de suas facetas e que há um espaço considerável para o uso das NTIC no recinto de sala de aula através de softwares educativos, nas pesquisas feitas extramuros pelos alunos, e na própria atualização do professor. Os recursos oferecidos por softwares de caráter educativos e aqueles franqueados por meio de inúmeras interfaces da rede, são caracterizados pela potencialidade de propagação social da informação, alcançando hoje uma escala de transmissão inédita, e não devem ser subutilizados. Para que essas possibilidades sejam exploradas nas práticas educativas, evidentemente, há a necessidade de contar-se com equipamentos adequados, ligação à rede, para o caso de atividades online, e capacitação adequada para fazer uso daquilo que as NTIC têm a oferecer. Entretanto, há um abismo inegável entre usar os recursos oferecidos pela tecnologia para uma mera difusão de dados desarticulados e práticas devolutivas e torná-los espaços para transformação das informações em conhecimentos sólidos que permitam ao sujeito promover alterações benéficas em seu meio, qualquer que seja sua área de ação. Assim, por mais que se nomeie uma determinada tecnologia de educativa, ela, por si só, não pode ser considerada assim, a priori. Os recursos que oferece, por mais sofisticados que sejam, só se tornam efetivos para a educação se a ideologia que sustenta seu uso e as atividades propostas com eles forem guiadas por uma concepção atualizada do fenômeno de aprendizagem e coerentes com os seus paradigmas. Na área de domínio formal da docência, sustentar uma determinada concepção de aprendizagem envolve simultaneamente a filiação ideológica a determinados paradigmas e o exercício cotidiano de seus pressupostos. A eleição de um paradigma que não resulte em práticas criativas alicerçadas nele, não passa de discurso estéril. Em outras palavras, a inserção competente de NTIC, nas práticas de ensino, exige mais que o aprimoramento de habilidades no uso de seus recursos. Demanda, sobretudo, que seu uso seja norteado por um profissional que domine a especificidade paradigmática de sua área, caso contrário, se incorre no risco de valer-se das NTIC apenas para camuflar, de forma sedutora, uma prática de ensino superada, ou seja, aquela que alinha estudo e conhecimento à memorização, por parte do aluno, de informações descontextualizadas, na véspera da avaliação. A compreensão contemporânea reconhece a aprendizagem como um processo ativo e desejante do sujeito, desencadeado pela articulação dos conhecimentos que já possui com aqueles que lhes são novos, a partir de um objeto de estudo.

Dessa forma, o fenômeno da aprendizagem se dá diante de algo inédito, que não estava no repertório cognitivo do sujeito e qualquer informação nova se for assentada como dado isolado, ou seja, a partir de mera transferência de um saber de um sujeito para outro, tende a desvanecer-se a curto ou, no máximo, médio prazo. **O CURSO DE PEDAGOGIA NA INSTITUIÇÃO PESQUISADA** O curso em análise faz parte de um dos vários *campi* de uma das maiores redes de ensino privado do Nordeste que atende, em sua maioria, a alunos oriundos das camadas mais populares da sociedade, os quais apresentam um perfil de trabalhadores que buscam um curso universitário a distância e que arcam com os custos da formação superior com o próprio salário, com as bolsas de estudos ofertadas pela própria instituição. Por mais que o Projeto Pedagógico analisado afirme partir de uma visão ampliada de currículo (APPLE, 1998), o que a análise dos dados constatou foi que há uma distância muito grande entre o discurso e a prática interativa observada. Na composição curricular as aulas são operacionalizadas por tutores que interagem por meio de chats e fóruns, no ambiente virtual da universidade. Os tutores trabalham os conteúdos que são desenvolvidos por professores denominados conteudistas, e a estes últimos, cabe a responsabilidade pela construção de todo o material instrucional sob a supervisão do núcleo de educação a distância da instituição. Além de disponibilizado no ambiente virtual o material é entregue, ao aluno, em forma de mídia impressa. Segundo o projeto pedagógico a carga horária total do curso é de 3200h distribuídas ao longo de 8 períodos letivos. O aluno tem acesso às aulas e a todos os materiais por meio do acesso frequente ao Portal Acadêmico da instituição, o qual apresenta uma boa organização e estética, facilitando a navegação do cursista. Nele estão disponíveis as informações financeiras, pedagógicas, de secretaria e as referentes às referências bibliográficas utilizadas nas aulas. Todas as disciplinas apresentam a mesma estrutura, a saber: apresentação com uma vídeoaula bem sintética ministrada por um professor na qual são apresentados tópicos centrais do conteúdo, sem que haja qualquer tipo de aprofundamento. Na sequência, tal conteúdo é organizado em quatro unidades, as quais por sua vez, organizam-se em seis atividades, das quais duas são avaliativas: um fórum inicial e um questionário fechado com 10 (dez) questões sobre o conteúdo abordado. Para um contato com o docente o aluno só encontra dois canais no AVA, quais sejam: "Dúvidas de Conteúdo" e "Dúvidas Técnico-administrativas", as quais se encontram no canto esquerdo da tela sob o ícone chamando "Pergunte". No ícone "Dúvidas de Conteúdo" foram catalogadas 654 dúvidas postadas em apenas 3 meses de aula. Já no ícone "Dúvidas Técnico-administrativas" foram catalogadas 226 postagens para o mesmo período. Uma análise das mensagens postadas nestes locais deixou claro que ainda há sérios entraves a serem vencidos pela coordenação do curso a fim de os objetivos propostos no projeto pedagógico sejam alcançados. Em linhas gerais, há um descontentamento dos alunos em relação à demora para as respostas solicitadas, as quais chegam a demorar mais de uma semana, embora o prazo descrito no AVA seja de até 72 horas para a devolutiva. Também são comuns os pedidos de

auxílio em relação à própria navegação no ambiente virtual. Muitos alunos reclamam por não encontrarem as atividades propostas e por não entenderem o que é para fazer, quando as encontram. Ao final do período letivo houve um aumento considerável de reclamações em torno das não devolutivas sobre as avaliações *on line* realizadas (os alunos solicitavam o gabarito para conferirem suas respostas) e sobre as notas obtidas. Percebeu-se, de maneira geral, certo descontentamento em relação ao tipo de retorno, quando obtido, pois as respostas dos tutores das disciplinas mostravam-se, com poucas exceções, padronizadas e muito superficiais, pouco contribuindo para a verdadeira aprendizagem dos cursistas. **INTERAÇÃO E INTERATIVIDADE NO CURRÍCULO DA EAD** É inegável a importância que a interação assume no processo de ensino e aprendizagem. Entretanto, nos dias de hoje e, em especial, no campo da EaD a discussão posta vai além da importância da interação (já admitida por grande parte dos docentes/tutores e especialistas em educação), pois perpassa a distinção existente entre a interação e a interatividade. Não há um consenso entre os estudiosos sobre os limites conceituais da interação e da interatividade (SILVA, 1998). Para alguns autores, a interação é a relação estabelecida entre os sujeitos (seres humanos) envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, diferenciando-se de interatividade, um conceito mais recente e complexo que abrange as relações estabelecidas não apenas entre os seres humanos, mas entre esses e as máquinas (computadores) e, em última instância, entre as próprias máquinas, sem a interferência direta do humano. Outros ainda, não chegam a um consenso sobre a própria definição de interatividade: Para alguns, interatividade é sinônimo de interação.

Interatividade deriva do termo interação, um conceito concebido de diferentes formas de acordo com a área do conhecimento em que é acionado. Originário das Ciências Sociais, interação é a unidade mais fundamental dos eventos sociais, caracterizada pelo contato entre pessoas que adaptam seu comportamento ao do outro, em que se verifica a correspondência ou não das expectativas mútuas ou sua rejeição. (MALDONADO; REICHERT, 2010, p. 2) Para outros, interatividade significa simplesmente uma "troca", um conceito muito superficial para todo o campo de significação que abrange, o que tem contribuído para que o termo seja usado em larga escala e na maioria das vezes de forma difusa. Temos como exemplo disso os programas de TV em que os espectadores podem escolher entre duas ou três opções, previamente definidas. Embora isso seja apresentado como interatividade, alguns autores definem como reatividade (MACHADO, 1990), uma vez que nada mais resta ao espectador senão reagir aos estímulos a partir das alternativas que lhe são oferecidas.

As Novas tecnologias da Informação têm revolucionado diversas áreas da vida e, como não poderia deixar de ser, têm trazido novas questões para a área da comunicação e para o campo educacional, aumentando e modificando estruturalmente as até então conhecidas formas de interação social. Hoje a Internet e suas várias faces são um exemplo claro de um novo paradigma que se instalou em nossas vidas. (PICANÇO, 2010, p. 1)

Deixando de lado o entrave conceitual, o conceito de interatividade parece ser mais recente que o conceito de interação, isto porque, como visto no fragmento acima, relaciona-se diretamente às inovações trazidas com a chamada geração digital. Na interatividade a “ação” ganha destaque dentro de sua própria essência conceitual: inter – ação. No hipertexto, nas novas modalidades comunicacionais (*chats, msn, orkut, etc.*) há uma fusão de papéis e de funções que vão além do ato de troca, possibilitando novas formas de comunicação e, portanto, participação. É justamente a ação, contrária à passividade assumida pelos educandos nas teorias de aprendizagem comportamentais a grande mola propulsora de uma nova forma de educação que começa a ser divulgada, incorporada e pesquisada no âmbito das instituições escolares. E, inegavelmente, a EaD, mesmo com todas as suas limitações, tem sido a grande responsável por esse ressignificar da palavra interação e pela importância atribuída à interatividade nos processos educativos. A interatividade, entendida em sua verdadeira essência é um dos grandes benefícios das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação. Segundo Silva (2006), mesmo sendo muito propagada, a interatividade ainda está longe de efetivar-se plenamente, constituindo-se, portanto, ao mesmo tempo com um real benefício e como um dos principais desafios da EaD. Mais do que se declarar interativa, a nova educação deve ser interativa, ou seja, deve permitir que os alunos, os professores, e a escola como um todo, saiam do paradigma cartesiano, positivista, transmissor de verdades absolutas, calcado na passividade discente e avancem em direção ao que ele chama de “participacionismo”, a essência da verdadeira interatividade, isto porque, para ele “tanto a mídia de massa quanto a sala de aula estão diante do esgotamento do mesmo modelo comunicacional que prevaleceu no século XX: a transmissão que separa emissão e recepção, a lógica da distribuição”. (SILVA, 2006 p. 7) O professor/tutor em EaD deve propor a participação dos alunos e a educação deixa de ser mera transmissão de conteúdos por parte do docente. Não

basta apenas a presença do computador e das novas TIC se o professor mantiver um paradigma positivista, os novos recursos por si mesmo não serão capazes de romper com a educação bancária que ainda hoje, pleno século XXI, existe em muitas universidades. O professor/tutor, no novo paradigma educacional, deixa de ser um mero transmissor de informações, uma vez que existem meios mais eficazes para esse fim nos dias atuais (Internet, softwares, TV, DVD, wikipédia). Ser professor na atualidade requer muito mais, mais habilidades e competências específicas à sua modalidade de ensino e mais habilidades de se apropriar das novas tecnologias para facilitar a aprendizagem de seus alunos. Atrelada a esse novo perfil está a necessidade de assumir-se como um pesquisador. Já dizia Paulo Freire da importância do papel ativo do professor no processo de ensino e aprendizagem. Na Era da Informação o professor não pode, por desconhecimento, por comodismo ou por qualquer outro fator, deixar-se aprisionar acriticamente a manuais, quer sejam eles impressos ou digitais, elaborados por outros. Não basta utilizar TIC em suas aulas sem contextualizá-las, sem enxergá-las dentro de um processo muito maior de comunicação social e de formação da cidadania. E formar para cidadania significa lutar, como bem apresentado por Jesús Martín-Barbero, por uma aprendizagem

que posibilite a los individuos reconocerse como parte de una comunidad, como parte de una colectividad y a la vez, con palabra propia... Es decir, Paulo Freire era alguien que tenía muy claro el valor de lo colectivo, de lo comunitario, pero tenía muy claro también el valor de la libertad personal, de la independencia, de la autonomía del sujeto. (SENAC, 2006 p. 24) O uso de novas tecnologias da informação e comunicação mostra-se como um grande diferencial da EaD. São computadores, webcan, chats, hiperlinks, videoconferências, fóruns, internet, e-book, que tornam a modalidade a distância muito mais dinâmica e atrativa. Entretanto, não podemos nos esquecer de que todas as ferramentas que auxiliam o professor são tecnologias. Não é a tecnologia em si que vai garantir a boa qualidade das aulas e do curso como um todo, mas a concepção pedagógica, a atuação do tutor e o comprometimento do aluno, isso em qualquer modalidade de ensino, quer seja ela presencial ou a distância. Dentro dessas relações, o respeito às características e necessidades do aluno, a flexibilidade de horários de estudo. são aspectos singulares. ao analisarmos a EaD. Isto

porque, a possibilidade de estudar em horários diversos (ex: de madrugada e aos finais de semana e feriados) é algo muito positivo. Tal característica foi muito bem vinda ao mundo corporativo que dela tem se aproveitado em larga escala. Entretanto, essa mesma característica pode ser negativa caso a pessoa não tenha autodisciplina, pois sem o controle direto de um professor ou de uma estrutura de cobrança (horário de entrada e saída, duração da aula, etc., etc.,) muitos se perdem e não aproveitam tudo o que o material didático disponibiliza. Mesmo assim, o crescimento de cursos em EaD é outro aspecto importante para afirmarmos o grande potencial da EaD brasileira, pois cresce de forma rápida, acompanhada por mais investimentos e lucros (não só financeiros, mas em qualidade de vida, haja vista a quantidade de profissionais das diversas áreas que se (re) qualificaram e docentes formados em EaD desde a década de 90 até hoje). Isso mostra que a EaD tem deixado de ser mal vista, apenas como exemplo de educação não-formal e passado e ser valorizada como um meio eficaz de educação inicial e continuada. Entretanto, ainda existem muitos desafios e dificuldades pelos quais passa a EaD, tais como: o preconceito de muitas pessoas em relação a essa modalidade de educação, talvez relacionado às fortes marcas deixadas pela educação positivista. Mesmo com as várias iniciativas em EaD, muitos ainda colocam em dúvida a qualidade e a validade, em termos legais, dos cursos à distância. Tal fato se deve, em grande escala, à resistência ao novo, ao desconhecido. Para muitos, tudo o que é desconhecido é duvidoso. Daí a grande responsabilidade dos envolvidos com a EaD em divulgá-la. Tornar a EaD mais conhecida, com certeza, diminuirá a resistência em relação a seus cursos. Há também, como um fator de entrave, a comparação da Educação a Distância com o ensino presencial, o que, por mais inadequado que possa parecer, é inevitável. O ensino presencial vem se constituindo em parâmetro para uma análise mais criteriosa sobre a EaD, uma modalidade de educação ainda considerada como uma novidade nos meios acadêmicos. Segundo o artigo quarto do Decreto 5622 de 19 de dezembro de 2005,

A avaliação do desempenho do estudante para fins de promoção, conclusão de estudos e obtenção de diplomas ou certificados dar-se-á no processo, mediante:

I – cumprimento das atividades programadas; e

## II – realização de exames presenciais.

Embora o governo federal considere as especificidades da EaD de uma maneira geral, tendo até um núcleo destinado a ela, percebe-se a partir do artigo acima que no momento da avaliação a presencialidade ainda se faz indispensável. **CONSIDERAÇÕES FINAIS** A partir dos dados analisados foi possível identificar significativas contradições em relação ao discurso e práticas interativas que se revelam reducionistas, entre tais contradições, destacam-se: substituição gradativa do professor pela figura do tutor, subutilização dos recursos das interfaces, resultante de uma metodologia que perpetua a prática de transmissão de conteúdo, a demora do retorno às dúvidas dos alunos e a não devolutiva dos processos avaliativos aos quais os alunos se submeteram. Entretanto, mesmo com os problemas identificados, é indubitável que um curso de Pedagogia a distância tem aspectos potencialmente positivos tais como: a busca da promoção de interatividade genuína (ainda que no referido curso se mostre bem deficiente), o exercício dinâmico de autoria e coautoria e a extensão do universo de pesquisa discente, acrescentando boa qualidade e dinamizando as atividades promovidas em sala de aula virtual. Além disso, a promoção competente da infoinclusão resulta em maior discernimento do educando na lida com a *Internet* e favorece desenvolvimento autônomo. É preciso promover ações de infoinclusão e abrir espaços de vivência com as NTIC nos cursos de graduação porque, mesmo que os educadores estejam imbuídos de sincero desejo de promover mudanças, não se pode esquecer que a formação de muitos se deu em salas de aula tradicional e é a partir desse modelo que esboçam imaginariamente o próprio perfil e identidade como futuros profissionais e isso poderá ser reeditado nas respectivas práticas educativas. Portanto, por mais que um professor tenha espírito inovador, a ausência de uma experiência concreta com o uso das NTIC, o constrange a fazer previsões e tomar decisões a respeito de qual seria o melhor percurso num trajeto que não percorreu pessoalmente. Vivenciar algo novo, sempre nos habilita melhor a oferecê-lo para o outro. Assim, precisa ser escopo dos cursos de pedagogia que essa parceria tecnologia/educação forneça uma experiência genuína no uso das NTIC e promova uma reflexão que resulte em aprimoramento das práticas docentes. É praticamente consensual que a questão do aperfeiçoamento contínuo do professor que já atua no ensino e

dos futuros docentes é um dos caminhos para a reversão dos desacertos da educação. Entretanto, é preciso ter clareza que a atribuição do dolo pela infoexclusão, ainda excessiva em nosso país, unicamente aos professores ou à escola, não só é injusto como também irresponsável, porque exime as demais instâncias sociais de cumprir o que lhes cabe. Para finalizar, é bom reiterar que seria ingênuo atribuir onipotência à educação para reverter o quadro de iniquidades de nosso país, porque elas têm inúmeras causas. Entretanto, há uma crise crônica de emprego em nosso mercado formal de trabalho derivada, também, do baixo nível de escolaridade do cidadão, do analfabetismo funcional e da falta de qualificações mínimas, demandadas pelo mundo do trabalho. Se não bastasse o drama da subsistência gerado por essas questões, o país continua aceitando que parte de sua população subsista em condições de vida que já podiam ter sido superadas há muitas dezenas de anos. Benefícios científicos de toda a ordem, resultantes de avanços ocorridos na pós-modernidade, não alcançam esses guetos de injustiça presentes não só em regiões remotas de nosso país, como também imersos dentro de áreas urbanas. Isso reparte o país em “clãs”, distintos entre si pelo respectivo poder econômico e disso resulta um modelo social no qual para uns tudo é possível, enquanto para outros resta apenas lutar para sobreviver. Assim, temos um enorme contingente de brasileiros que não vive no próprio contemporâneo, em virtude de toda a sorte de exclusões perversas. A infoexclusão é uma delas e a academia tem sua parcela de trabalho no sentido de reduzi-la a partir da formação de novos professores e em ações extensionistas direcionadas aos professores em exercício. Longe de acreditar que essas considerações sejam definitivas, faz-se indispensável dividi-las com outros professores, pesquisadores e interessados pela temática da interação em ambientes virtuais. Isto permitirá críticas e discussões que poderão proporcionar crescimento em relação à modalidade da EaD, tão importante para um país que busca ser democrático. O caráter exploratório deste estudo preencheu algumas lacunas e deixou outras tantas por preencher. A interatividade é a grande característica da maior parte dos instrumentos disponíveis nos ambientes virtuais de aprendizagem, desde que estes instrumentais estejam vinculados a um projeto pedagógico dialético, com objetivos voltados ao desenvolvimento de competências indispensáveis ao cidadão nesta nova sociedade da informação e do conhecimento, tais como o poder de adaptação constante às mudanças, a

flexibilidade diante de múltiplas exigências profissionais, o poder de trabalhar bem em equipes multidisciplinares. **REFERÊNCIAS** ALMEIDA, M. E. B de. Informática e formação de professores. In: Cadernos Informática para a mudança em educação. Brasília, Ministério da Educação/SEED, 2000. APPLE, Michael. Educação e poder. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. ARENDT, Hannah. Entre o Passado e o Futuro. Trad.: Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo. Editora perspectiva, 3º edição, 1992. BALL, S. J. Educação à venda. Discursos – Cadernos de Políticas Educativas, Edições Pedagogo, 2005. BRASIL, MEC. Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. COLLARES, Cecília Azevedo Lima; MOYSES, Maria Aparecida Affonso; GERALDI, João Wanderley. Educação continuada: a política da descontinuidade. Educação e Sociedade [online]. 1999, vol.20, n.68, p. 202-219. CORRÊA, Juliane. Sociedade da informação, globalização e educação a distância. In: E-Book do Curso de Especialização Lato Sensu em EaD. Rio de Janeiro: SENAC, 2006. FERNANDEZ, A. A inteligência aprisionada. 2.ªed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. Paulo: Papyrus, 2000. KENSKI, Vani M.; OLIVEIRA, Gerson P. de; CLEMENTINO, Adriana. Avaliação em movimento: estratégias formativas em cursos online. In: SILVA, Marco; SANTOS, Edméa (Orgs.). Avaliação da aprendizagem em educação online. São Paulo: Loyola, 2006. MALDONADO, Alberto Efendy; REICHERT, Julie. A interatividade na educação a distância: o papel central da interatividade nos processos de ensino-aprendizagem na EAD. **Comunicação & Educação** • Ano XV • número 3 • set/dez 2010. PRIMO A. Interação mediada por computador. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2007. VALENTE, José Armando (et al.). Educação a Distância via Internet. São Paulo: AVERCAMP, 2005. VISCA, Jorge. Psicopedagogia: Novas Contribuições. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. SILVA, Marco. Que é Interatividade. Boletim Técnico do SENAC. Rio de Janeiro, v.24, n.2 maio/ago, 1998. \_\_\_\_\_. Sala de aula interativa. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

**REFERÊNCIAS** ALMEIDA, M. E. B de. Informática e formação de professores. In: Cadernos Informática para a mudança em educação. Brasília, Ministério da Educação/SEED, 2000. APPLE, Michael. Educação e poder. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. ARENDT, Hannah. Entre o Passado

e o Futuro. Trad.: Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo. Editora perspectiva, 3<sup>o</sup> edição, 1992. BALL, S. J. Educação à venda. Discursos – Cadernos de Políticas Educativas, Edições Pedagogo, 2005. BRASIL, MEC. Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. COLLARES, Cecília Azevedo Lima; MOYSES, Maria Aparecida Affonso; GERALDI, João Wanderley. Educação continuada: a política da descontinuidade. Educação e Sociedade [online]. 1999, vol.20, n.68, p. 202-219. CORRÊA, Juliane. Sociedade da informação, globalização e educação a distância. In: E-Book do Curso de Especialização Lato Sensu em EaD. Rio de Janeiro: SENAC, 2006. FERNANDEZ, A. A inteligência aprisionada. 2.<sup>a</sup>ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. Paulo: Papyrus, 2000. KENSKI, Vani M.; OLIVEIRA, Gerson P. de; CLEMENTINO, Adriana. Avaliação em movimento: estratégias formativas em cursos online. In: SILVA, Marco; SANTOS, Edméa (Orgs.). Avaliação da aprendizagem em educação online. São Paulo: Loyola, 2006. MALDONADO, Alberto Efendy; REICHERT, Julie. A interatividade na educação a distância: o papel central da interatividade nos processos de ensino-aprendizagem na EAD. **Comunicação & Educação** • Ano XV • número 3 • set/dez 2010. PRIMO A. Interação mediada por computador. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2007. VALENTE, José Armando (et al.). Educação a Distância via Internet. São Paulo: AVERCAMP, 2005. VISCA, Jorge. Psicopedagogia: Novas Contribuições. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. SILVA, Marco. Que é Interatividade. Boletim Técnico do SENAC. Rio de Janeiro, v.24, n.2 maio/ago, 1998. \_\_\_\_\_. Sala de aula interativa. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

Edna Cristina do Prado Alagoas – doutora – Grupo de Pesquisa Gestão e Avaliação Educacional Universidade Federal de Alagoas – graduanda em Teologia – wiledna@uol.com

.br

Letícia Cristina Dias – graduanda – Grupo de Pesquisa Gestão e Avaliação Educacional Universidade Federal de Alagoas – graduanda em Pedagogia e Geografia – leticiacristinadias24@gmail.com

.br

Fabiana de Moura Cabral Malta – especialista – Grupo de Pesquisa Gestão e Avaliação Educacional Universidade Federal de Alagoas – graduanda em Pedagogia e mestranda em Educação – fabianamalta@hotmail.com

Recebido em: 23/06/2016

Aprovado em: 28/06/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: